



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação

Tereza Cristina Ferreira de Alamo


**TECENDO DIÁLOGOS NAS RELAÇÕES ENTRE TEORIA, PRÁTICA E  
REFLEXÃO NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR**

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>.Dr. Helena Amaral Fontoura.

São Gonçalo  
2011

Tereza Cristina Ferreira de Alamo

**TECENDO DIÁLOGOS NAS RELAÇÕES ENTRE TEORIA, PRÁTICA E  
REFLEXÃO NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR**



Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Pedagogia, ao Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Helena Amaral Fontoura.

São Gonçalo

2011.

Tereza Cristina Ferreira de Alamo

**Tecendo diálogos nas relações entre teoria, prática e reflexão na formação do educador.**

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do curso em licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora: \_\_\_\_\_

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Helena Amaral Fontoura (Orientadora)  
Faculdade de Formação de Professores- FFP/UERJ

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gianine de Souza Pierro (Parecerista)  
Faculdade de Formação de Professores- FFP/UERJ

São Gonçalo

2011.

## DEDICATÓRIA

Dedico esta Monografia a minha mãe, minha avó, meu pai, meus familiares e ao meu noivo por terem me dado todo o amor e dedicação e pelos incentivos que me incitaram a buscar uma vida nova a cada dia. Obrigado por terem acreditado em mim e por sonharem comigo sempre.

Dedico também este trabalho a um amigo muito especial, o Guilherme Pinheiro (in memoriam), porque me ensinastes que a sabedoria está nas pequenas coisas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, infinitamente perfeito e bem – aventureiro em si mesmo, por ter me permitido a graça de caminhar em busca de um conhecimento mais amplo e profundo propiciando a base e o firmamento aos meus passos.

A minha mãe do céu, Maria Santíssima por ter volvidos milhares de vezes seus olhos misericordiosos sobre mim, amparando-me para que eu conseguisse concluir este trabalho.

A minha mãe Rosângela e minha amada avó Therezinha por terem me ensinado a caminhar na vida de forma exemplar e pelo exemplo de força e coragem que sempre tive em casa.

Aos meus irmãos, Maiara e Geovane pelas palavras de incentivos e pelos formidáveis conselhos.

A minha querida amiga Cristiane Prudêncio, pelos momentos de alegria e diálogos incansáveis sobre a educação. Obrigada por me auxiliar nesta tarefa tão árdua na busca de meus ideais.

A Thiago Cardozo, pessoa com quem aprendi a compartilhar todos os momentos da minha vida. Com você ao meu lado me sinto mais viva e feliz. Obrigado por toda paciência e o amor incondicional que tem me dado.

Aos meus amigos da Paróquia de Sant'Ana, que sempre estiveram comigo e que muito me ensinaram. Agradeço a todos, em especial a Luanna por nunca ter descreditado em mim e por sempre me incentivar, obrigada pelo convívio e pelo apoio constante.

Aos meus alunos por afirmarem minha permanente reflexão e ação sobre a educação, a aprendizagem, as diversidades e as verdades da vida. Obrigado por me ensinar tanto ou mais do que eu a vocês, agradeço por todo carinho e entendimento, mas especialmente por me inspirarem neste trabalho.

A todos aqueles que contribuíram para construção deste trabalho, amigos, familiares, instituições e educadores. Sem vocês seria impossível tecer este diálogo, agradeço por fazerem parte da minha vida nesta caminhada que de uma forma ou de outra, colaboraram para a realização deste trabalho.

Agradeço a professora Regina de Jesus, por ter iniciado comigo este sonho, obrigado pelos ensinamentos e dedicação disponibilizados durante suas aulas.

Por fim faço um agradecimento especial à professora Helena Fontoura, minha orientadora, que prontamente aceitou esta responsabilidade, auxiliando-me com toda

dedicação na construção deste trabalho. Obrigada pela paciência, carinho e pela possibilidade de me fazer sonhar novamente.

Então, educamos e somos educados. Ao Compartilharmos, no dia-a-dia do ensinar e do aprender, idéias, percepções, sentimentos, gestos, atitudes e modo de ação, sempre ressignificados e reelaborados em cada um, vamos internalizando conhecimentos, habilidades, experiências, valores, rumo a um agir crítico-reflexivo, autônomo, criativo e eficaz, solidário. Tido em nome do direito à vida e à dignidade de todo ser humano, do reconhecimento das subjetividades, das identidades culturais, da riqueza de uma vida em comum, da justiça e da igualdade social. Talvez possa ser esse um dos modos de fazer pedagogia.

José Carlos Libâneo

## RESUMO

O propósito deste trabalho é discutir sobre a importância da formação de professores reflexivos dentro do cotidiano escolar. Deve-se conceber a ideia de que a dissociação entre teoria e prática desvaloriza as duas, uma necessita da outra para se construir uma educação de qualidade. Busca-se clarificar a consequência desta ruptura, constituída permanentemente pelo embate entre pesquisadores, professores e gestores da área educacional. O trabalho objetiva avaliar a ação dos professores perante as suas práticas pedagógicas, analisando os conflitos e as transformações que este pensamento causa na ação docente. Desenvolveu-se uma pesquisa fortalecida em autores como Paulo Freire, Regina Leite Garcia, António Nóvoa, Madalena Freire e outros que colaboraram para a fundamentação teórica, do mesmo modo aqueles que contribuíram com o questionário realizado com professoras e coordenadoras do município de São Gonçalo com a finalidade de conhecer o habitual e as práticas docentes. Têm se como consideração final que o educador empregue a reflexão na ação, a reflexão sobre a ação e a reflexão sobre a reflexão na ação

Palavras-chave: Professor reflexivo. Formação continuada. Pesquisa. Prática pedagógica.



## SUMÁRIO

<b>MEMORIAL.....</b>	<b>10</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1. REFLEXÕES TEÓRICAS .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 2. HISTÓRIAS CONTADAS .....</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO 3. VOZES DA PESQUISA .....</b>	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXO - QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>43</b>

## MEMORIAL

Esse relato se constitui o início de busca por uma prática consciente e enriquecedora na minha formação, visando à formação dos meus alunos. Construir o meu memorial me remete a várias etapas da minha vida, etapas boas e ruins, no entanto ambas de total aprendizagem em minha história. Ao longo desses anos fui colecionando narrativas e estas foram “pontes” que me construíram como educadora todas elas contêm um pedacinho de mim e das minhas particularidades.

A maior parte da minha formação escolar, do Jardim (atualmente, Educação Infantil) e Ensino Fundamental deu-se em escolas privadas. E só pude estudar em uma instituição particular por causa do esforço e sonho da minha avó materna em querer ver um dos membros da família ser “alguém na vida”. E eu sempre me cobrei muito, pois nunca poderia decepcionar a pessoa que mais sonhou e continua sonhando comigo.

Conclui o Ensino Fundamental com 14 anos e durante esses 11 anos que frequentei a escola, uma vez que comecei a estudar com 3 anos, eu achava a instituição chata, pois nunca podia fazer nada: Não podia correr, falar com os amigos na hora do dever, brincar com jogos de tabuleiros, fazer trabalhos em cartolinas ou em placas de isopor. Só nos eram permitido copiar textos enormes de quadro e responder questionários baseados nele e às vezes pintar nas atividades de “Artes” desenhos mimeografados referentes a datas comemorativas.

Não apresentei nenhuma dificuldade em frequentar está etapa dos meus estudos, sempre memorizava todas as revisões que as professoras passavam antecedendo as avaliações, sendo assim sempre gravava e respondia prontamente todas as questões. Com esse mecanismo de gravar resposta, sempre tirei boas notas, mas isso não significa que eu tenha aprendido, eu simplesmente reproduzia as respostas que estavam no caderno e no livro.

Apesar de algumas marcas negativas deixadas pela escola na minha formação, não posso negar que ela também assumiu um papel de extrema importância nos laços da afetividade. Conquistei amizades, compartilhei companheirismo e aprendi a respeitar, conheci nela amigos que guardarei eternamente com carinho que eles merecem. E percorrendo os caminhos não tão agradáveis que a vida nos impõe, fui passando da vida infantil, para a vida adolescente.

E nesse período tão conturbado que é adolescência, foi necessário tomar diversas decisões que influenciariam a minha vida: Estudar em qual escola? Fazer algum curso de idioma? Cursar Formação Geral ou Curso Normal? Ou outro curso técnico?

E apesar de tantas dúvidas, fui fazendo escolhas. Escolhi estudar no IECN (Instituto de Educação Clélia Nanci), uma escola de formação de professores e fazer um curso de idiomas. Admitir neste momento o meu compromisso com a Educação, pois tinha consciência que não seria fácil assumir o papel de educador, uma vez que vivemos em uma sociedade que desvaloriza o professor, tanto socialmente quanto economicamente.

Frequentei o IECN durante dois anos, as minhas lembranças naquela escola não foram muito boas. Vivenciei na prática o descompromisso de alguns professores, recordo-me de diversas vezes que fui à escola e não tive aula, ora por causa de algum problema estrutural da escola, ora por causa da falta de algum professor. Mas o mais difícil de aceitar era quando tinha aula e o professor não a dava simplesmente nos mandavam fazer cópia de algum livro ou passava algum seminário. Encontrei no IECN poucos professores que fossem apaixonados pela profissão, mas este pouco me cativou eternamente.

Ao cursar o 3º Ano do Curso normal, resolvi trocar de escola, pois ao invés de estudar 3 anos, estudaria 4 anos, por causa de uma lei que obrigava os cursos de Formação de Professores a ter 4 anos e não mais 3. O problema não era o tempo a mais, pois eu sempre defendi que estudo nunca é demais, mas pelo medo de vivenciar novamente o que tinha visto nos dois anos anteriores, sendo assim mudei de escola.

Matriculei-me em uma escola particular, o Colégio Santa Catarina. Esse colégio era diferente, o aluno tinha mais liberdade para falar, tinha mais flexibilidade e ainda tinha a oportunidade de cursar todas as disciplinas do Curso de Formação Geral, as matérias dos cursos técnicos eram adicionais. Apesar da liberdade que a escola nos dava, nem sempre fazíamos o que bem queríamos, ela preservava um mecanismo de controle, que era a carteirinha dos estudantes, esta era carimbada todos os dias para controlar a frequência, entrada e saída dos alunos.

Durante estes 3 anos que frequentei o Curso de Formação de Professores, fortaleci e vivenciei uma visão romântica sobre educação. Aprendi de uma forma muito técnica como ser professora: Jamais escrever no quadro de costas para turma; Nunca falar para o seu aluno que você desconhece sobre questões interrogadas por ele; Não sentar – se na mesa; Andar pela sala constantemente para vigiar os estudantes; Cobrar boa caligrafia; Enfatizar sobre a hora do brincar e a hora do estudar.

Hoje, ao recordar e analisar minha trajetória estudantil pude perceber que mesmo estudando em escolas públicas e privadas, em todas elas recebi um ensino tradicional que fortalecia o papel conservador e reproduzidor que o sistema educacional mantém para estruturar o capitalismo.

Logo que concluí o Ensino Médio, iniciei a minha vida profissional, não foi fácil entender a dinâmica de uma sala de aula, tudo que eu tinha estudado durante 3 anos no Curso Normal não tinha utilidade, a não ser pela dimensão técnica que os cursos de formação de professores tendem a enfatizar. Ensinaamentos que se perdem e se mostram desnecessários quando estamos à frente de uma sala de aula. A discussão sobre a subjetividade da criança, sobre as etapas do desenvolvimento, sobre teorias que colaborariam no processo de construção de conhecimento são deixadas de lado e são, muitas vezes, questionadas apenas nos cursos superiores.

E a partir desse embate entre o que foi aprendido e o que estava sendo praticado foram surgindo inquietações, impulsionando assim o interesse de buscar novos saberes para melhorar a minha prática como professora.

Prestei vestibular e ingressei em uma Universidade Pública, ousei sonhar um sonho que muitas meninas da minha realidade sócio-cultural, não ousam, desistem (ou adiam permanentemente) de sonhar, o de buscar no estudo uma forma de mudar realidades. E essa persistência de jamais desistir de lutar, seja lá qual for o obstáculo, deve-se a duas pessoas que são fundamentais em minha vida, às minhas amadas e queridas: mãe e avó. Elas souberam ensinar lições valiosas para toda uma vida, como ser cuidadosa no encaminhar da vida.

Atualmente leciono para uma turma de Educação Infantil, mas confesso nunca ter tido a vontade de trabalhar com este segmento. Talvez esse pensamento tenha sido construído a partir de uma concepção, que infelizmente é comum na nossa sociedade, em que a pré-escola foi considerada um espaço onde as crianças permanecem apenas para brincar e passar o tempo.

Pensar a educação infantil como espaço de transformação, inovação e criatividade pode parecer ilusório para muitos docentes, já que muitos destes profissionais foram formados e ainda estão inseridos no campo profissional dentro de uma concepção assistencialista e tradicional sobre essa etapa do desenvolvimento infantil, que compreende o período de 0 a 6 anos. Esquecem que é nesse período e até mesmo antes dele, se considerarmos que muitos bebês interagem com seus pais antes mesmo de nascer, reconhecendo a voz e toque de mãos, que os pequenos começarão a se conhecer e a conhecer o outro, a se respeitar e a respeitar o outro, e a desenvolver suas habilidades e construir conhecimento. Talvez esse desconhecimento seja por conta de alguns cursos de formação de professores que tendem a valorizar o uso de técnicas para buscar a efetividade do ensino, em detrimento de uma formação mais integral e integradora.

Entende-se que a Educação Infantil é garantida por lei e é atribuição prioritária do Município. Mas apesar dessa garantia, ela continua não sendo obrigatória, apenas direito das famílias e crianças. O Estado exime-se do compromisso com a educação infantil, já que este não está incluído no texto da LDB como obrigatório.

Apesar da Educação Infantil (terminologia adotada atualmente) estar inserida dentro da Lei que rege a Educação, ela muitas vezes não é vista com fins educativos. Ela continua a reproduzir uma política de assistência aos pais das crianças, que muitas vezes frequentam a escola para que seus responsáveis possam cumprir seus horários de trabalho com tranquilidade, já que seus filhos serão ‘cuidados’ pela tia.

Neste sentido, a partir desta concepção apreendida de pré-escola, ser professora da Educação Infantil seria muito pouco, e eu tinha a necessidade de provar à sociedade que tanto me negou a chance de uma realidade melhor, que eu era capaz de ser uma excelente professora. A sociedade instrumentada pela escola me impossibilitou quando aluna de assumir o meu papel de transformadora. E provar que eu era a melhor, só caberia se eu lecionasse para turmas do Ensino Fundamental, pensava eu, pois considerava não ser necessário um aprofundamento teórico para trabalhar com as crianças da educação Infantil.

Compreendi que é discutindo as práticas pedagógicas que a teoria vem se apresentando, propiciando assim um processo permanente de partir da prática, teorizar sobre ela e voltar à prática para transformá-la. E o papel da professora é fundamental nesse processo, ela não deve apenas transmitir o conhecimento à criança e nem somente observar e constatar como se encontra o aluno, mas ser contrária ao que se aprende em alguns cursos de formação de professoras que no processo de ensinar a ensinar, des-ensina o criar. Apropriando-me do dito por Fortuna, entendo que: “... formação do professor/a – pesquisador/a, ou seja, aquele/a que posiciona frente ao real concreto da docência na escola, pelas questões que este real lhe afeta, instiga, provoca e desafia” (FORTUNA, 2007, p. 03).

## INTRODUÇÃO

Muitos professores, quando se formam, acreditam que já estão com seus embasamentos teóricos definidos e que não há necessidade de (re) pensar a sua prática. Freire critica essa forma de pensamento, pois para ele: “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impactante, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1989, p.59).

Ser um bom professor é dialogar constantemente com a sua prática, é pensar que a prática de hoje não é apenas um caminho para melhorar a prática de amanhã, mas também uma forma eficaz de pensar. A professora que consegue reler sua prática, avaliando-a e questionando-a, caminha para constituir-se como uma professora-pesquisadora. Acredito, com Esteban e Zacur (2002), que a prática é o ponto de partida, pois a partir dela surgem novos questionamentos, que auxiliarão a constituir o discurso e a experiência da professora. A prática de pensar a prática e de estudá-la nos permite criar novos conhecimentos. A pesquisa tem que ser entendida como eixo da formação docente, que pensa para orientar o fazer de outros.

Como afirma Moita (1995), para se formar é necessário trocar experiência, viver interações sociais e aprendizagens, um sem fim de relações em tudo o que fazemos na nossa experiência existencial enquanto experiência social e histórica. E como no lembra Freire (1997), os seres humanos são os únicos capazes de serem objetos e sujeitos das relações que travam com os outros e com a história que fazemos e que nos faz e refaz. E esse processo torna-se complexo devido ao discurso pedagógico, que muitas vezes é assimilado pelo professor, mas que não chega a mudar a sua prática, e até mesmo quando esse discurso encontra resistência por parte dos docentes que se isolam em suas salas de aulas e continuam a reproduzir práticas já consolidadas por eles.

A dissociação entre teoria e prática é comum na sociedade e ela não está presente somente no âmbito educacional; se observarmos a divisão de trabalho, perceberemos como as tarefas são divididas. Enquanto alguns trabalhadores ‘fazem’, outros ‘pensam’, ou seja, aqueles que possuem um bom nível de escolarização acabam por dominar a teoria e para aqueles que possuem uma escolarização limitada, uma prática mecanicista é suficiente. A escola vem reforçando essas diferenças; em vez de democratizar, ela vem reproduzir, tornando-se uma instituição discriminatória e repressiva.

Fortalecendo a idéia de Perez e Sampaio (2003), entende-se que a busca do entendimento da teoria que se encontra subjacente à prática, deve ser confrontada com outras

teorias e estes processos são essenciais para a transformação da prática. A escola tem como papel educar o aluno, no sentido de instruí-lo para o movimento de busca e construção de conhecimentos e não o de corroborar com práticas escolares que negam as diferenças e buscam a homogeneização. E estes conhecimentos devem ser construídos coletivamente, partindo da “interação-interlocução com o(s) outro (s)” (PEREZ E SAMPAIO, 2003, p. 50) e confrontando com as diferentes realidades do real. A professora tem um papel importante nessa interação, pois ela deve realizar uma leitura crítica da realidade na qual vive e convive para poder transformar o seu saber e o seu fazer. Quando nos apropriamos de novas teorias, elas só fazem realmente sentido se as praticarmos no dia-a-dia. A formação do professor tanto no nível médio quanto no superior deveria ser vista como parte do processo, pois este construir-se professor, muitas vezes, antecede o ingresso em um curso de formação.

A professora pode construir essa prática dialética com a teoria, se for dado a ela o direito de liberdade docente, de poder falar, de poder criar, de poder experimentar e como Freire nos diz “... de não mentir para sobreviver” (FREIRE, 1997, p. 64). É necessário contrariar a prática de submissão, na qual a professora aceita que supervisores, assessores pedagógicos e todos aqueles que estão hierarquicamente acima da função docente, pensem e decidam por ela. A educação também não pode ser vista como bancária (FREIRE, 1987), na qual a professora é aquela que possui o conhecimento e que tem a função de depositar informações na mente do aluno.

O papel da professora é de mediadora de conhecimento, é de preparar as atividades pedagógicas a fim de tecer novos saberes, estimular desafios para que a partir destes a aprendizagem seja desenvolvida; é de tentar romper com as práticas tradicionais que valorizam o trabalho individual, a concentração, o esforço e a disciplina, como garantias para a apreensão do aprender. Como nos apontam Perez e Sampaio (2003), a professora deve perceber o seu aluno como sujeito que avança na construção de conhecimento a partir da interação com o outro e com o mundo.

E para formar a “professora-sujeito” é necessário a construção da sua própria prática, para que se desenvolvam mentes críticas, audaciosas e criadoras. É necessário também que seja recusado o autoritarismo que está presente no cotidiano docente e como nos lembra Paulo Freire “a práxis, porém, é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (FREIRE, 1987, p.38).

O questionamento entre teoria e prática é importante para que a professora torne-se uma professora-pesquisadora, pois a partir deste movimento é que ela irá refletir sobre o seu

fazer e irá buscar embasamentos para entender o cotidiano da escola e do seu aluno. Quando o cotidiano escolar é observado, percebe-se também que pode haver uma incoerência no discurso de produção de conhecimento, as instituições muitas vezes impõem e privilegiam a produção de conhecimento do aluno e não garantem o mesmo às professoras.

A professora passa a ser vista, nessa perspectiva, como culpada pelo fracasso escolar, mas como ela pode ter culpa se não é dado a ela a possibilidade de criação, de liberdade e o incentivo de buscar novos interlocutores para fortalecer sua prática educativa?

E dentro desse contexto, os referenciais teóricos passam a ser invalidados, para dar espaço aos novos métodos, trazidos pelos planejadores tecnicistas, que ao invés de tecer diálogos com a professora, impõem metodologias que muitas vezes não condizem com a realidade do aluno. Nas palavras de Freire “procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe” (FREIRE, 1987, p.79).

A construção da professora-pesquisadora se dá a partir do movimento que ela faz em torno de sua própria prática, relendo, avaliando e questionando as respostas que vão sendo obtidas. Ela utiliza os espaços onde são discutidos os processos ensino-aprendizagem e volta às universidades para buscar interlocutores para compreender melhor seus conflitos profissionais. E como nos lembram Esteban e Zacur “a concepção de professor-pesquisador apresenta formas concretas de articulação, tendo a prática como ponto de partida e como finalidade, sem que isto signifique a supremacia da prática sobre a teoria” (ESTEBAN E ZACUR, 2002, p.20),.

Enfim, o objetivo central desta professora é que ela seja capaz de agir criticamente em seu campo profissional e que no movimento “ação-reflexão-ação” (ESTEBAN e ZACUR, 2002, p.22) transformações sejam criadas, para a melhor compreensão das ações cotidianas.



## CAPÍTULO I REFLEXÕES TEÓRICAS

*“Educar os educadores! Mas os primeiros devem começar por se educar a si próprios.  
E é para esses que eu escrevo.*

*Nietzsche*

A formação de professores tem sido um tema abordado nos principais seminários e conferências sobre educação do Brasil. A ideia de formar professores pesquisadores e reflexivos teve início nos países de língua portuguesa, com a divulgação do livro do professor português Antônio Nóvoa “Os professores e sua formação”, ele trouxe textos de autores de países como Inglaterra, Estados Unidos, França, Portugal e Espanha, outro evento que ajudou a promover este tema foi o I Congresso sobre Formação de Professores nos Países de Língua e Expressão Portuguesas, coordenado pela professora também portuguesa Isabel Alarcão.

De acordo com Nóvoa (1995), nos anos 60 os professores foram ignorados pelos estudos educacionais. Nos anos 70, os educadores foram criticados por defender que eles contribuíam para a perpetuação das desigualdades sociais. Somente nos anos 80 é que se inicia uma pesquisa educacional voltada ao resgate e a importância profissional do professor, dando-lhe voz e colocando-o no centro dos debates educacionais.

No Brasil, esta importância iniciou-se no final dos anos 70, quando começou a discussão em âmbito nacional sobre a reformulação dos cursos de Pedagogia e Licenciatura e também quando foi adotado o princípio da “docência como a base da identidade profissional de todos os profissionais da educação” (Silva, 2003 apud SAVIANI, 2009, p.148)

Não pode se negar que a educação necessita de mudança, mas por onde iniciar este processo? Inicialmente acredito na necessidade de construir a formação de professores dentro da profissão e sendo assim o professor torna-se o centro da pesquisa. Sendo ele o eixo principal, muitas interrogações se apresentam como definir suas características e como ser um bom professor dentro da profissão. E para isso é necessário estimular a curiosidade e que ele queira muito além de ensinar, queira aprender. E o educador Paulo Freire (2011) é enfático ao afirmar que o professor tem que saber que sem a curiosidade nada o move, nada o inquieta, nada o faz buscar e sendo assim ele não aprende e nem ensina. Ensinar exige buscar, indagar e se indagar e a pesquisa fortalece este pensamento, uma vez que pesquisamos para constatar, e constatando intervimos e é neste processo que educamos e somos educados.

O professor transformador é um ser mutável, feliz, sonhador e repleto de amor e que está sempre buscando novos conhecimentos e que sabe da sua importância no mundo. Ele está sempre experimentando, sem saber dos obstáculos que precisa superar.

Talvez responder o que é ser um bom professor adentrará em questões muitas perplexas e que aqui não ousarei questionar e tão pouco responder. Mas pretendo defender uma simples e prática argumentação que ajuda a construir e a formar bons professores é a profissionalidade docente no interior da personalidade do professor. E quando recorro ao conceito de formar bons professores não quero compactuar com listas de competências impostas e definidas como padrão. Como o documento para Consulta Pública do MEC/INEP, em que apresentam Referenciais para o Exame Nacional de Ingresso na Carreira Docente, para o perfil do docente ideal:

- Domina os conteúdos curriculares das disciplinas.
- Tem consciência das características de desenvolvimento dos alunos.
- Conhece as didáticas das disciplinas.
- Domina as diretrizes curriculares das disciplinas.
- Organiza os objetos e conteúdos de maneira coerente com o currículo, o desenvolvimento dos estudantes e seu nível de aprendizagem.
- Seleciona recursos de acordo com os objetivos de aprendizagem e as características de seus alunos.
- Escolhe estratégias de avaliação coerentes com os objetivos de aprendizagem.
- Estabelece um clima favorável para a aprendizagem.
- Manifesta altas expectativas em relação às possibilidades de aprendizagem de todos.
- Institui e mantém normas de convivência em sala.
- Demonstra e promove atitudes e comportamentos positivos.
- Comunica-se efetivamente com os pais dos alunos.
- Aplica estratégias de ensino desafiantes.
- Utiliza métodos e procedimentos que promovem o desenvolvimento do pensamento autônomo.
- Otimiza o tempo disponível para o ensino.
- Avalia e monitora a compreensão dos conteúdos.
- Busca aprimorar seu trabalho constantemente com base na reflexão sistemática, na autoavaliação e no estudo.

- Trabalha em equipe.
- Possui informação atualizada sobre as responsabilidades de sua profissão.
- Conhece o sistema educacional e as políticas vigentes.

Quero dialogar com práticas e conceitos que “ajudam” a construir bons professores.

É importante constatar o que durante muito tempo foi definido como ser um “bom professor”, a abordagem que foi muito aceita na segunda metade do século XX, defendia que o “bom professor” precisava saber (conhecimentos), saber-fazer (capacidades) e saber-ser (atitudes). E já nos anos 90 outro conceito foi imposto o de competências, e este teve um papel importante na reflexão teórica e nas reformas educativas. No entanto não se pode concordar que a profissionalidade do professor é algo natural pré disposta, mas sim são atitudes que o ajudam a construí-lo em um sentido cultural.

O conhecimento, a cultura profissional, o tacto pedagógico, o trabalho em equipe e o compromisso social são disposições que contribuem para a construção da personalidade do professor. E este professor deve ser engajado em um processo de descoberta juntamente com seus alunos para poderem caminhar nas “estradas” do “aprender a aprender”.

Sendo um professor crítico ele será capaz de desenvolver qualidades políticas que considera os valores individuais de cada um, suas histórias e seu relacionamento social, sendo assim ele se constrói um professor resiliente, que é aquele que está aberto às novidades de uma sociedade em constante transformação. Segundo a Especialista em Educação Simone Cardoso:

“A resiliência é a mola mestra que impulsiona educador e educando a superarem as barreiras da aprendizagem, contornar os conflitos da convivência e fazer com que o processo de ensinar e aprender se transforme numa aventura deliciosa, pois a resiliência ameniza o mundo, ajudando na superação de dificuldades, pois a maior virtude do resiliente é a flexibilidade de se adaptar, superar, transformar as adversidades em alternativas e as crises numa janela para o sucesso.” (Revista Construir, 2011, p.7)

As histórias de vida dos educadores interferem na formação de construção das identidades pessoais e profissionais. Nóvoa afirma que “mesmo nos tempos áureos da racionalização e da uniformização, cada um continuou a produzir no mais íntimo a sua maneira de ser professor.” (NÓVOA, 1992, p. 15). Sendo assim para o autor:

“a identidade não é um dado adquirido, não é dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um sente e se diz professor.” (NÓVOA, 1996, p. 62)

A maneira com que cada professor ensina, está interligado ao jeito dele ser e ao modo de torna-se o que é. De acordo com Nóvoa (1996) é o seu eu pessoal em face do eu profissional do ser e do ensinar.

É importante que se transforme a prática em conhecimento e que a formação de professores passe a ter mais referencial interno do que referencial externo, a prática tem que trilhar o caminho de praticar refletindo e teorizar praticando. Tem que se romper com um pensamento ultrapassado de que para ser professor é necessário simplesmente transmitir um determinado saber.

Ensinar não é muito simples e tão pouco assumir-se professor é uma tarefa que exija apenas o domínio de um determinado conteúdo, para ser professora é preciso compreender todas as dimensões que a profissionalidade do educador exige. Ensinar é uma prática complexa, ainda mais se pensarmos nas condições desiguais que o professor enfrenta face aos seus alunos e também das diversas condições desfavoráveis que ele tem de lidar nos sistema. Libâneo parte do princípio que:

“a prática pedagógica é uma prática social envolvendo uma inter-relação adultos-aprendizes observada a fase de desenvolvimento psicológico e social destes últimos e que visa a modificações profundas nos sujeitos envolvidos a partir de aprendizagem de saberes existentes na cultura, conduzida de tal forma a preencher necessidades e exigências de transformação da sociedade” (LIBÂNEO, 1982, p. 43)

O professor é vocacionado à educação, Rubem Alves afirma que:

“professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda uma vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança”. (ALVES, 1986, p. 11)

Ao utilizar vocação não quero defender o sentimento romântico do professorado, mas que ao dizer o seu sim, ele assuma todo seu compromisso e que faça tudo o que for possível para vencer suas batalhas diárias sejam elas no campo pessoal, social e cultural.

Devemos devolver aos professores uma formação que passe por dentro da profissão, é necessário romper com prática que tendem passar todas as responsabilidades da formação do educador a grupos de especialistas, que se destacam nos departamentos universitários.

Creio assim como Nóvoa que “é inegável que a investigação científica em educação tem uma missão indispensável a cumprir, mas a formação de um professor encerra uma complexidade que só se obtém a partir da integração numa cultura profissional” (2009, p. 8)

É importante aguçar nos professores o desejo de se construir práticas de auto-formação, de se delinear histórias sobre sua vida pessoal e profissional. Evidencia – se a importância de conduzir atividades a partir de um perfil educacional investigador-inovador, envolvendo o ser no íntimo do seu cotidiano escolar.

A narrativa escrita, seja ela no âmbito pessoal ou profissional, vem exercer uma notoriedade na consciência da formação do trabalho e da identidade. Ainda para Nóvoa, “a formação deve contribuir para criar nos futuros professores hábitos de reflexão e de auto-reflexão que são essenciais numa profissão que não se esgota em matrizes científicas ou, mesmo pedagógicas, e que se define, inevitavelmente, a partir de referências pessoais” (2009, p.9)

Para valorização da formação do professor é importante que a equipe pedagógica atue de forma unida: incentive à escola ser reflexiva, possua um projeto próprio construído com a colaboração de seus membros. O professor se constrói na coletividade, rompe o individualismo e resgata o convívio em grupo. Partilhar experiências, construir parcerias no interior e exterior do mundo profissional são ações que ajudam a inovar a educação

O diálogo contínuo do professor mostra-se mais eficaz quando há integração no coletivo da escola. É na ação do dia-a-dia que o professor tem a chance de crescer e atualizar com a equipe pedagógica, ele transforma a experiência coletiva em conhecimento profissional.

A formação de professores passa por uma série de dificuldades que contribuem para degradar a condição e a atuação do professor. Um dos pilares dessa degradação é a falta de notoriedade da sociedade. Os professores passaram a serem “despercebidos” e não só pelo espaço público, mas até por eles mesmos. Falta nos professores a iniciativa de se comunicarem além dos muros da escola, de ter uma voz pública. Faz se necessário dar a voz ao professor, de fazê-los visíveis socialmente e que eles percebam-se como instrumento essencial na construção de uma sociedade igualitária e justa.

Há tempos escutamos um discurso que são necessárias mudanças na educação. Vivemos um passado e um presente de promessas, vislumbramos significativas nos últimos séculos. Percebemos uma degradação e inversão de valores da escola, mas como construí-lo no futuro presente?

A princípio não devemos reproduzir o que já sabemos, é necessário trilhar nos percursos construir novas práticas e consolidar pontes, afinal este é o objetivo da educação, através do conhecimento, construir caminhos.

O século XXI esta aí será que a escola conseguiu acompanhar todo o desenvolvimento tecnológico imposta pela modernidade? Será que ela conseguiu assumir as diversas tarefas atribuídas a ela?

Com o passar dos anos foram atribuindo a escola diversas competências, inicialmente foi a implantação de um currículo mínimo, depois a inclusão de diversos conteúdos e disciplinas, a evolução tecnológica, tudo sendo absorvido e nada sendo retirado.

A escola acabou por assumir competências que estão muito além do aprendizado de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Artes. A imagem da escola hoje é aquela capaz de regenerar, salvar e educar os filhos de uma sociedade injusta. Muitos vêm na escola aquela que assegura a educação moral e social dos alunos.

A família transferiu para a escola uma responsabilidade que é somente dela. Não é a escola que tem o papel de ensinar educação social, noção de limite, de respeito ao próximo e de ter responsabilidades com suas obrigações, isso compete à família. Hoje a escola assumisse como espaço de viver e não apenas de aprender. Infelizmente não é possível a escola fazer tudo e a tudo se dedicar. A família precisa de ajuda e a escola pode orientá-la, mas é importante que cada uma assuma seu papel.

Um dos elementos que se constitui na estrutura da modernidade escolar é a educação pela cidadania é formar cidadãos ao invés de alunos, uma vez que a experiência da vida escolar é para sempre e é na escola que fortalecemos e estimulamos os valores pessoais.

A escola deve centrar-se na aprendizagem, valorizando as finalidades do trabalho escolar que é transmitir e apropriar-se dos conhecimentos e da cultura e também compreender que o encontro, a comunicação e a vida em conjunto são contribuições que ajudaram a formar a intelectualidade e o social do educando. E é nisto que a Escola deve concentrar suas “forças” e como diz Nóvoa:

“... é isso que a Escola faz melhor. É nisto que ela deve concentrar as suas prioridades sabendo que nada nos torna mais livres do que dominar a ciência a cultura, sabendo que não há diálogo nem compreensão do outro sem o treino da leitura, da escrita, da comunicação, sabendo que a cidadania se conquista, desde logo, na aquisição dos instrumentos de conhecimentos e de cultura que nos permitam exercê-la.” (2009, p.14)

A escola não tem como assumir todas as responsabilidades e as tarefas que lhe foram atribuídas ao passar dos anos, ela deve centrar-se no conhecimento, compreender e valorizar a circunstâncias da vida pessoal e social do estudante.

E como construir e formar esta Escola? Como conscientizar a sociedade da importância dela estar participando da educação e a formação dos estudantes? Como libertar o

cotidiano escolar de tarefas e atividades sem sentido? Nóvoa (2009) defende a proposta de criar uma escola retraída, mais modesta e mais centralizada nas tarefas de aprendizagem, na qual valorizem os compromissos, as responsabilidades com o conhecimento e o social do estudante.

Ele intervém propondo um trio de sugestão que auxiliará o comprometimento com esta nova escola.

- Mais aprendizagem: foca o ensino verdadeiramente na aprendizagem independentemente da classe social que o estudante ocupa.
- Mais sociedade: instaura na escola um lugar de trabalho coletivo, que dialoga que se comunica e ampara o estudante com segurança.
- Mais comunicação: os professores precisam comunicar-se mais com o espaço público e a sociedade precisa apoiar o trabalho escolar.

A cidadania é construída juntamente com a aprendizagem dos estudantes, uma necessita da outra para existir verdadeiramente. E como nos diz Gentili e Alencar: “a cidadania deve ser pensada como um conjunto de valores e práticas cujo exercício não somente se fundamenta no reconhecimento formal dos direitos e deveres que a constituem na vida cotidiana dos indivíduos” (2001, p. 87). E para tal construção, a cidadania carece ser cuidada diariamente, sendo sempre criada e recriada para a edificação do futuro que almejamos.

A educação vive a esperar por um futuro há tanto tempo anunciado, espera-se por melhorias tecnológicas, por novas propostas, por novos desafios... Espera-se por avanços para mudar a educação, mas pensar neste futuro tão distante, talvez seja a maior dificuldade que colocamos a frente de nossos desejos, o tempo de esperar já passou, temos que reavivar o presente, para que o futuro comece.

É importante que não coloquemos todas as nossas expectativas no futuro imediato e tão perfeito, dificuldades sempre serão impostas. Temos que ter consciência da importância no investimento da formação de professores, na propriedade de métodos que envolvem a relação pedagógica e a comunicação e aderir às facilidades tecnológicas. Conhecer, considerar e (re) conhecer é a base para a inovação e alcançarmos a mudança que tanto almejamos.

## CAPÍTULO II HISTÓRIAS CONTADAS

*Quando registramos, tentamos guardar, prender fragmentos do tempo vivido que nos é significativo, para mantê-lo vivo. Não somente como lembranças, mas como registro de parte da nossa história, nossa memória. Através destes registros construímos nossa memória pessoal e coletiva. Fazemos HISTÓRIA.*

*Madalena Freire*

O meu fazer HISTÓRIA como professora, iniciou-se quando comecei a lecionar para turmas de Educação Infantil. Foi narrando minhas experiências profissionais, advindas do campo educacional e articuladas com o conhecimento adquirido / desenvolvido na Universidade, que fui estabelecendo um diálogo entre a relação teoria e prática na Educação Infantil.

Trabalho como professora da rede particular de ensino, do município de São Gonçalo e há dois anos venho lecionando para turmas de Educação Infantil. Tenho tentado desenvolver atividades, em que a memória seja a temática trabalhada, pois acredito que a reconstrução das memórias individuais e coletivas sensibiliza e emociona, possibilitando o despertar das crianças para criar atividades lúdicas e significativas para o seu aprendizado.

Durante esses dois anos, compreendi que é na vida humana e no cotidiano que a história se faz e refaz. E que são os sujeitos que se vêm em um coletivo que estabelecem relações de pertencimento e nesse processo professores e alunos tornam-se companheiros de trabalho, um constitui o discurso do outro. As histórias se entrelaçam, e como nos lembra Morais: “É nela que os sujeitos entretecem, com invisíveis fios, o vivido, rememorando o passado, para assim reconstruírem a si mesmos, dando às suas próprias vidas um sentido de destino.” (MORAIS, 2002, p. 83 – 84)

Na Educação Infantil, algumas professoras tendem a utilizar a contação de histórias e a rodinha como atividades rotineiras, esquecem ou até mesmo desconhecem que por meio delas podemos conhecer um pouco mais sobre o cotidiano dos nossos pequenos. Eles nos dão pistas para compreendermos e investigarmos as relações que eles estabelecem com o mundo. E bem como sinaliza Tardif:

“os conhecimentos profissionais exigem sempre uma parcela de improvisação e de adaptação a situações novas e únicas que exigem do profissional reflexão e discernimento para que possa não só compreender o problema como também organizar e esclarecer os objetivos almejados e os meios a serem usados para atingi-los”. (TARDIF, 2000, p.7)



Apresentarei brevemente algumas histórias que venho tentando compreender e que foram recolhidas por mim em diferentes momentos, histórias que não tiveram e que provavelmente não terão o final feliz dos contos de fadas. Histórias que deixarão marcas tanto em minha vida, quanto nas dos protagonistas dela.

Recorro à minha memória para relatá-las e bem como nos lembra Garcia: “quando se abre o baú de memórias, dele sai o que queremos e o que não queremos, mas o que pula fora não podemos impedir” (2002, p. 14). Utilizando-se da polifonia das vozes infantis, contarei a primeira história.

Era uma aluna minha, tinha uns cinco anos e como na grande maioria dos alunos oriundos das escolas particulares, tinha ótimos hábitos de higiene, vestia-se de forma impecável, os materiais escolares eram perfeitos e nunca lhe faltava merenda. Essa menina apesar de frequentar uma escola particular e de ter um bom aparato social, já era rotulada como a aluna problema. De acordo com o corpo discente da escola, ela não conseguia aprender, possivelmente ela tinha algum problema psicológico ou mental, a escola já tinha criado um mecanismo sutil de exclusão, seria fácil e até justificável para os coordenadores se eu a excluísse ou se eu a colocasse na última carteira, pois aquela menina já estava fadada a não ter mais solução. Talvez se não tivesse atenta às pistas que ela ia me dando durante o nosso convívio, eu compactuaria com o discurso desses professores ou com o que se usava denominar dificuldade de aprendizagem.

A menina, tão desinteressada para fazer as tarefas escolares tradicionais (copiar letras, ligar as consoantes de máquinas às cursivas, numerar de 0 a 20...), durante as atividades lúdicas, torna-se outra, era ativa, falante, feliz, participativa, aprendia com facilidade as regras dos jogos, sentia-se capaz, ao contrário do sentimento de inaptidão que era comum vê-la durante as atividades mais estruturadas.

Em uma de minhas aulas, solicitei que os alunos dissessem nomes de animais com a letra “m”, para que eu as escrevesse no quadro, quando chegou à vez dela, me surpreendi com a resposta, ela não me disse nenhum animal com a letra “m”. Mas me falou que rato, segundo ela se escrevia com a letra “r”, o “r” de rua que precisamos ter atenção por causa dos ônibus e dos carros. O “r” de rato, que gosta de sujeira e que se não deixarmos as nossas casas limpas, ele entra e deixa doença no xixi e pode nos matar.

Como posso explicar que uma criança que tem dificuldade para realizar tarefas escolares possa desdobrar o seu conhecimento em tantas outras áreas? Será que ela nada sabe? Ou será que ela não sabe dar a resposta que a escola quer que ela dê?

Penso também no meu papel de educadora naquele momento, e se eu assumisse com diz Tardif (2000, p.6) um “conhecimento esotérico” no qual seria a detentora do saber e como tal a única a dominá-lo e fazer o uso dele. Fortaleceria o discurso que está intrínseco no senso comum de alguns professores, o de “essa menina não tem mais jeito, nem uma pergunta simples ela consegue responder”.

A outra história que proponho vem de um menino super agitado e que já tinha um histórico diagnosticado pelos outros professores como aluno hiperativo. Realmente, a princípio o comportamento dele me deixava angustiada, ele não parava um só momento, brincava e brigava com os outros colegas, não se sentava, era ríspido ao falar, eu poderia ficar narrando mais alguns traços de sua personalidade forte, mas o que me chamava atenção naquele menino era o fato dele se destacar ao fazer suas atividades, como eu poderia explicar o sucesso, quando tudo indicaria o fracasso.

Uma de minhas atividades mais frequentes era o de contar histórias, acredito que por meio delas o ouvinte tem possibilidades de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos. Concordo com a ideia de Abramovich ao afirmar que:

“É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula...” (ABRAMOVICH, 1989, p. 17).

Mas por mais que eu tentasse e repensassem em “boas” histórias, nada chamava atenção daquele menino, no entanto quem contribuía para esse desinteresse era eu e minhas escolhas, por ter enraizado em mim um discurso elitista e tão presente no senso comum, no qual acredita-se que somente os clássicos da literatura infantil e juvenil podem acrescentar algo de bom em suas vidas. Quando compreendi que a realidade daquele menino estava bem distante dos contos de fada, percebi que era necessário repensar e criar novas histórias e que estas tivessem um contato mais próximo com a realidade daquela criança.

Passei a acreditar que o ato de narrar / criar histórias não deva ser legitimado somente ao professor, é necessário instaurar o discurso plural ao invés do discurso único. O professor não deve ocupar o status do acadêmico que guia e ilumina o saber do aluno, é necessário dar a voz aos estudantes e foi isso que fui fazendo. E como esse processo foi rico para minha (re)construção como professora, foi sendo ouvinte das histórias daquele menino, que fui tecendo novos saberes, fui compreendendo que suas ações dentro da sala de aula estava relacionada com sua vivência fora dela.

Entendi que as marcas deixadas na vida daquela criança o foram constituindo e que não deveria ser culpado ou punido por apresentar um comportamento avesso ao que o modelo tradicional impõe. A escola tem sido o veículo de projeção de padrões e modelos que impedem o conhecimento, ao invés dos professores conduzirem o processo educativo eles acabam por privilegiar o conhecimento superficial e assimilá-la em uma ordem institucional. O educar se transformou no meio pelo qual o diferente deva ser moldado ao igual, para que ele possa ser submetido, dominado e explorado em nome de um modelo cultural que acredita-se ser natural, universal e humano.

Ao invés de concordar com esse pensamento, foi necessário que o diálogo fosse estabelecido, que as regras fossem construídas, que os limites fossem impostos e que o carinho e atenção fossem a base principal para nos aproximarmos, fui como diz Garcia (2002) investigando a minha própria prática.

E como uma história puxa outra, acabo de recordar de outra. Essa aconteceu quando eu cursei a disciplina de Estágio Supervisionado, matéria obrigatória e essencial para o curso de Pedagogia. Como é de praxe, o primeiro momento desse estágio é prioritariamente observação, entramos na sala de aula de um determinado colégio e fazemos diversas anotações sobre o cotidiano dos professores e alunos. Para concluir essa disciplina é necessário apresentar um relatório final do semestre e para isso é indispensável escolher algum aspecto que norteará a escrita desse trabalho.

E assim foi feito, abordei como ponto central o processo de alfabetização das classes populares, e essa pesquisa tornou-se mais rica, pois culminou em um momento em que a Secretaria Municipal de Educação do Município de São Gonçalo tinha escolhido uma nova técnica para alfabetizar os seus alunos. Foi adotado o Método Metafônico, que de acordo com uma gestora do Município, na reunião de apresentação da nova maneira de ensinar a ler, era um modo bem menos trabalhoso e fácil já que o material estava todo pronto para agilizar a vida profissional do professor.

E assim foi feito, o método com a pretensa intenção de ajudar o professor foi implementado em toda a rede municipal de ensino do Município de São Gonçalo. E diante dessa situação resolvi realizar uma abordagem diferente, ao invés de investigar o método e / ou quem o aplicava, decidi por realizar uma escuta aos agentes receptivos desse método. A princípio solicitei aos estudantes que fizessem uma atividade (essa foi retirada de um dos livros do Método Metafônico), me inquietava saber como os pequenos se sentiam ao realizar aquelas tarefas.

Eles disseram que não gostavam dessas tarefas, pois elas eram muito sem graça e também por que copiar e cobrir não ensina ninguém a ler. E era isso que aqueles pequenos desejavam, aprender a ler de uma forma atraente e lúdica. Um deles me relatou empolgado, que gostaria logo de aprender a ler, pois queria entender o que estava escrito nos jornais e nas revistas de quadrinho da Turma da Mônica, mas a tia só dava folhinha e livro chato.

E de acordo com Garcia:

“A criança que vive exposta à linguagem escrita, inevitavelmente, se interessará por saber o que está escrito no livro, na revista, no jornal, na carta, nas instruções dos jogos, bem como em usar a escrita para expressar seus sentimentos, idéias e ações. A criança que não for bloqueada em sua curiosidade natural de conhecer o mundo que a cerca será levada a querer conhecer algo valorizado por aqueles que admira – a escrita” (1992, p.10 – 11).

Fui investigando o fazer daquelas crianças e as respostas que fui obtendo foram sinalizando o quanto é necessário que as atividades escolares sejam pensadas e produzidas de forma lúdica, para que os estudantes tenham prazer e vontade para realizá-las. As atividades de reprodução tendem a racionalizar o conhecimento das crianças, não se importando com o conhecimento que está sendo construindo. A escola acaba por valorizar e acreditar que o que importa é o ato de copiar, cobrir, reproduzir mecanicamente e isso acaba por impossibilitar que os estudantes avancem na construção de conhecimento lúdico e produtivo. Educar requer dos educadores, compromisso com a história dos estudantes, tem que haver paixão pela criatividade, arriscar-se sem ter medo de liberdade e principalmente ter qualidade de amar.

Creio, como Porto (2002, p.87), que ressuscitar fantasmas e inquietações que habitam a prática cotidiana, deva ser feito em um bordado de idas e vindas.

Eu como professora-rendeira (PORTO, 2002) devo tecer minha identidade, mesclando a minha história com a história dos meus alunos. Inserindo uma narrativa dentro da outra e o cotidiano escolar é rico para eclodir essas falas, pois ele dialoga com a identidade nacional, constituído por diversas vozes, sejam elas opressoras, oprimidas, encantadas e encabuladas.

Torno-me autônoma quando busco o que me completa e quem me completa e esse quem me completa está contido nas histórias de vidas dos meus alunos. Essas narrativas fazem parte de uma prática pedagógica comprometida com a liberdade do ensinar-aprendendo.

Narrar sua história é um meio pelo qual cada pessoa atribui um sentido à sua experiência, (re)significar quem ela é e perceber como ela está sendo constituída no mundo social. E esse processo tenta agregar as várias vozes trazidas pelos participantes, para que se construa o sentido de si. E a construção dessa identidade é compreendida como um processo

contínuo que ocorre no desdobramento das atividades sociais, elas estão articuladas às identidades de gêneros, familiares, religiosas, raciais e de classes, jamais ele é concebida como um processo isolado.

Ao assumir o papel de educadora, joga-se com a história de vida do grupo ao qual pertence e com o contexto nos quais se desenvolve a sua ação e formação educativa, transformando essa rede de interação numa forma de ser e agir. E a prática compromissada pela reflexividade crítica, amplia o processo de aprendizagem que se faz não somente na escola, mas também fora dela. Educadores e educandos têm o direito de aprender, mas não como uma forma cristalizada única e acabada, e como nos lembra Freire (2011): (FREIRE, 1995, p. 19).

“Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.” (FREIRE, 2011, p.68)

Educadores devem estar abertos às descobertas, envolvendo-se e comprometendo-se com a sua própria prática, é necessário sair do individualismo, “deixar de olhar para o próprio umbigo” para aprender a olhar o que se passa ao redor, assumindo um posicionamento político e social diante do que vê. E como sinaliza Paulo Freire (1987), “educar é um ato político” E que requer de nós, educadores, um compromisso com a história do educando.

É preocupante como algumas professoras de educação infantil têm uma visão assistencialista de atendimento à criança pequena, que prioriza o cuidado físico mais do que uma estimulação global a seu desenvolvimento. Talvez esse pensamento tenha sido construído a partir de uma concepção, que infelizmente é comum na nossa sociedade, em que a pré-escola foi considerada um espaço onde as crianças permanecem apenas para brincar e passar o tempo. Reforçando o senso comum, ser professora da pré-escola é tarefa muito fácil, basta apenas a ser a “tia”, a “segunda mãe” ou aquela pessoa doce e carinhosa que brinca e canta com os alunos, não havendo necessidade de sistematizar o conhecimento dessa criança, já que para muitas professoras neste segmento nada é aprendido e elas não têm responsabilidades de ensinar. O trabalho é resumido a brincar para passar o tempo.

Contrapondo-se a esta perspectiva, encontra-se a pesquisa de Jesus (2004) que discutiu sobre essa temática em sua tese de doutorado “Mulher negra alfabetizando – que palavra mundo ela ensina o outro a ler e escrever?” Ela nos informa que na tradição africana, as “tias” têm um papel importante na vida de seus alunos, elas são conselheiras e respeitadas pela sua influência e sabedoria. Diferenciando da visão de “tias” que temos em nossas escolas

e na sociedade ocidental que muitas das vezes constituem-se de uns teores pejorativos, depreciativos e não-profissional.

A professora da Educação Infantil tende a resumir suas tarefas escolares a alguns processos burocráticos, reprodutivos, que ao final de algum tempo as crianças estarão entediadas devido à excessiva reprodução. E como nos lembra Garcia: “são atividades soltas que, magicamente, levariam ao desenvolvimento integral” (GARCIA, 2000, p.18). As tarefas propostas pela professora deveriam ser contempladas de sentido e que as próprias crianças auxiliassem no planejamento, execução e avaliação dos projetos, fazendo assim um esforço que começaria na Educação Infantil, intensificaria no período da alfabetização e continuaria sem jamais parar.

É necessário que a professora constitua um compromisso de parar de aceitar o ser-tia, para assumir-se como profissional, que ela entenda que os problemas relacionados à educação não se resumem apenas aos problemas pedagógicos, mas que eles são políticos, éticos e financeiros. O magistério brasileiro tem que ser tratado com dignidade para que a sociedade espere dele uma atuação eficaz. A sociedade não se afirma sem o aperfeiçoamento da cultura, da ciência, da pesquisa, da tecnologia e do ensino. E isso começa na Educação Infantil.

No Art. 30º. da Lei de Diretrizes e Bases na Educação Nacional nº 9394/96, é afirmado que a Educação Infantil será oferecida de acordo com sua classificação etária:

“Art. 30º. A educação infantil será oferecida em:

**I** - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

**II** - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.”

(BRASIL, 1996)

Recentes medidas legais modificaram o atendimento das crianças na educação infantil; atualmente as crianças com seis anos de idade devem obrigatoriamente estar matriculados no primeiro ano do Ensino Fundamental.

“O Projeto de Lei nº 144/2005, aprovado pelo Senado em 25 de janeiro de 2006, estabelece a duração mínima de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Essa medida deverá ser implantada até 2010 pelos Municípios, Estados e Distrito Federal. Durante esse período os sistemas de ensino terão prazo para adaptar-se ao **novo modelo de pré-escolas**, que agora passarão a atender crianças de 4 e 5 anos de idade”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Disponível em <http://www.educacao.rj.gov.br/index5.aspx?tipo=secao&idsecao=152&spid=9> Acesso em outubro de 2011

Entende-se que a Educação Infantil é garantida por lei e é atribuição prioritária do Município. Mas apesar dessa garantia, ela continua não sendo obrigatória, apenas direito das famílias e crianças. O Estado exime-se do compromisso com a educação infantil, já que este não está incluído no texto da LDB como obrigatório.

Apesar da Educação Infantil (terminologia adotada atualmente) estar inserida dentro da Lei que rege a Educação, ela muitas vezes não é vista com fins educativos. Ela continua a reproduzir uma política de assistência aos pais das crianças, que muitas vezes freqüentam a escola para que seus responsáveis possam cumprir seus horários de trabalho com tranqüilidade, já que seus filhos serão cuidados pela tia.

É necessário que se faça muito para superarmos esse antigo entendimento de que para trabalhar com educação infantil é necessário somente ser paciente, criativo e gostar de crianças. É importante que se reforce que para obtermos uma escola de qualidade, precisamos de profissionais preparados, tanto para questões condizentes à aprendizagem e ao desenvolvimento infantil como um todo, quanto para questões mais amplas que envolvam conhecimentos sociológicos, filosóficos, históricos e políticos.

### CAPÍTULO III VOZES DA PESQUISA

*Saberíamos muitos mais das complexidades da vida se nos aplicássemos a estudar com afinco as suas contradições em vez de perdermos tanto tempo com as identidades e as coerências, que essas têm obrigação de explicar-se por si mesma.*  
(José Saramago, A caverna)

A nossa narrativa é feita com as experiências pessoais, com o tempo, com as histórias e com as memórias. E a história do professor-pesquisador consiste de todos esses elementos. Alguns fatores contribuem para o distanciamento entre prática e pesquisa, podendo ser, desde uma concepção epistemológica desigual sobre a Educação como profissão até a difusão do conhecimento científico apresentado nos cursos de formação de professores.

A educação constituiu-se em uma prática social que estabelece uma relação bem próxima com o conjunto das ciências sociais e com as demais áreas do conhecimento. E perceber-se no centro destas incoerências no qual a vida social dos indivíduos e as habilidades adquiridas por ele através das experiências vividas, pode desdobrar-se em outras áreas e até distanciar aqueles que pensam a educação e nela atuam, pois as práticas recolhidas do dia a dia, apesar de serem riquíssimas para a incorporação da ação na sua dimensão constitutiva, pode também desencadear uma ruptura entre o cotidiano do professor e a sua ação reflexiva.

E esse afastamento pode ocorrer até mesmo sem a intenção do professor, já que este muitas das vezes tem uma formação não comprometida com o ato de pensar e repensar a sua prática. Alguns cursos de formação de professores facilitam e propagam esse conhecimento errôneo sobre o ato de educar, no qual não há comprometimento algum com o ato de raciocinar sobre a sua própria ação. Para esses cursos é mais fácil e cômodo reproduzir as práticas consolidadas por uma ideologia que atende a grupos isolados e que fortalece a sociedade capitalista que se constitui em específica, isolada e desigual.

No Brasil existe uma proliferação de cursos de formação de professores, é inegável que há uma variedade de iniciativas, seja no curso de formação de professores do ensino médio, seja nos cursos oferecidos pelas universidades em parcerias com as Secretarias de Educação ou pelas próprias Universidades. E há todo um aparato eletrônico e moderno para facilitar e desenvolver o conhecimento do professor, tais como treinamento eletronicamente e por videoconferência.

Apesar dessas inovações tecnológicas, a estrutura do curso e o currículo seguem as diretrizes do Conselho Nacional de Educação e dos Conselhos Estaduais de Educação. Ou seja, embora possuam novos parceiros como as secretarias de Educação e as instituições de



ensino superior, o curso de formação de professores ainda se constitui em um programa de padronização de professores.

Nesta sociedade de conhecimento e informação ilusória, faz-se necessário que os professores sejam os grandes reprodutores das práticas consolidadas por um sistema controlador e repressor. O sistema educacional reproduz as relações sociais, as estruturas de classe, por meio da reprodução da cultura, isto é, da ideologia da classe dominante. Pela ação educativa dos professores, são impostos aos educandos sistemas de pensamentos para agirem em harmonia as normas e valores das classes dominantes.

Então se percebe que não há interesse na formação de alunos críticos e reflexivos e sim na “formatação” deles sob um padrão de idéias e conhecimentos que são “depositados” no aluno. O aluno em formação não pode criticar, nem expressar suas idéias, tem que se calar e concordar com a política de um determinado grupo. Ele deixa de ser ele, para adquirir o pensamento de quem o está formando. Se este é o modo como o aluno deve adquirir a sua formação, imagine como o professor deve portar-se, já que este deve estar totalmente de acordo com as diretrizes institucionais.

Realmente, não há como negar que a ética na formação do professor deva respaldar-se nos aspectos críticos e reflexivos da formação, pois ela está ligada ao desenvolvimento da autonomia da pessoa. Faz-se necessário discutir propostas de formação que permitam ao professor tornar-se sujeito na forma de sua profissionalidade. Mas como formar esses professores? Inicialmente tem que haver mudança de mentalidade no que diz respeito à estrutura dos processos de formação docente, tem que se dar ênfase à formação de educadores com capacidade reflexiva e crítica, já que esses aspectos constituem a formação humana; o professor não deve estar enquadrado em um sistema burocrático e impessoal que lhe impeça a realização humana. E como nos lembra Freire:

Quando nossa tarefa começa a se tornar clara, temos que cuidar da nossa práxis de maneira muito mais clara. Depois, descobrimos a necessidade de nos tornarmos mais e mais competentes a fim de fazer o que gostaríamos de fazer, de construir o que gostaríamos de construir. Seguindo estas diretrizes, há uma Carta na qual discuto as qualidades ou as virtudes do professor progressista. É importante dizer que, quando falo de qualidades ou virtudes, não estou falando de qualidades com as quais nascemos. Falo de algo que fazemos, que construímos através do fazer, pela ação. Estou seguro de que pessoa alguma nasceu como ela ou ele é; a pessoa se torna... Portanto a virtude significa que tenho que criar qualidade colocando em prática a qualidade que gostaria de ter. (FREIRE, 1995, p. 19).

É necessário que a formação do professor parta de práticas críticas, dialógicas e investigativas, ou seja, atividades nas quais se desenvolvam os ambientes pedagógicos voltados para o diálogo, trabalho em grupo e elaboração de atividades em parceria com

acadêmicos que trabalhem em benefício da auto-reflexão docente e que visem um melhor desempenho profissional dos docentes. A auto-reflexão no processo de formação de professor é essencial, pois o possibilita a aprender a pensar sobre sua prática educativa e isso faz com que seja provocado nele à importância de investigar seu trabalho para obter uma melhor qualidade das aulas.

Faz-se necessário ainda o hábito de investigar a prática educativa, através do diálogo entre teóricos, acadêmicos e outros professores. Essa atividade de investigação possibilita ao educador questionar sobre o que se passa na sala de aula, assuntos que envolvam objetivos, desenvolvimento e planejamento devem ser constantes na vida profissional do professor, pois isso possibilita uma postura autocrítica sobre o seu papel docente.

Para perceber a complexidade das relações que se instituem na sala de aula e na escola é preciso que haja a troca de experiências entre alunos e professores, para ratificar essa compreensão, Nóvoa afirma que “a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando.” (1997, p. 26)

O professor deve impedir de se tornar um partidário mecânico de práticas ultrapassadas, sem opinião e identidade própria. Uma das soluções para que a sociedade pare de tratar o professor como técnico mal preparado e comece a vê-lo como um profissional capaz de construir com seu educando uma realidade de dignidade e autonomia, é que se instaure a prática dialógica educacional no cotidiano do professor.

O ato de narrar experiências devem ser tida como o princípio e não como uma prática solitária, já que os relatos podem pertencer às várias vidas que se sintam concernentes às histórias relatadas, são os discursos que nos atravessam que nos constituem.

Tendo em vista que os professores apresentam distintas realidades ao produzirem suas práticas, surgiu à necessidade de um instrumento de pesquisa que fosse capaz de responder às questões impostas ao meu objeto de estudo. Sendo assim, defini como instrumento a ser aplicado nesta pesquisa um questionário sobre aspectos que envolvam a relação teoria e prática.

O número de pesquisadores que utilizam questionários para aplicar suas investigações em função aos fins da pesquisa é cada vez maior atualmente. Para Parasuraman (apud CHAGAS, 2000), um questionário é um conjunto de questões, que tem como propósito produzir dados necessários para se alcançar os objetivos de um projeto, sendo muito importante na pesquisa científica, especialmente nas ciências sociais.

Optei por incluir questões abertas, já que estas permitem ao respondente uma construção nas suas respostas com suas próprias palavras, facilitando a liberdade de expressão. O questionário aplicado foi de essencial importância para se compreender a problemática das práticas docentes.

A forma de aplicação constitui-se em entregar pessoalmente os questionários, a 4 (quatro) professoras e 4 (quatro) coordenadoras da rede particular de ensino do município de São Gonçalo. O referido instrumento de coleta foi respondido por 2 (duas) professoras e 2 (duas) coordenadoras; desta forma, analisei 4 (quatro) questionários válidos respondidos por professoras e coordenadoras.

Considero o número de respondentes importantes, pois este não é um tipo de trabalho que podemos contar com a participação de todos os entrevistados, já que diversos fatores podem levar uma pessoa a não responder o questionário. Fatores como a falta de tempo para se dedicar ao instrumento de pesquisa e até mesmo o estado de inibição, pois os entrevistados podem achar que suas atividades docentes podem estar sendo fiscalizadas.

O questionário foi organizado e distribuído em torno de dois módulos. A primeira parte (Questão 1, 2 e 3) questionava sobre o interesse e participação dos alunos e educadores nas disciplinas escolares, já a segunda parte (Questão 4, 5, 6, 7 e 8) envolvia-se sobre a relação “ação-reflexão-ação”. O roteiro de entrevistas está em anexo. Neste questionário busquei elementos que tivessem influência para o desenvolvimento da prática pedagógica do professor na sala de aula, pois acredito que é neste espaço de trabalho que o educador vai tecer e entrelaçar o contato com os outros educandos no processo educativo. Busquei também ouvir a fala daqueles que muitas das vezes são esquecidos na burocracia educacional e são incluídos em um discurso errôneo como aqueles que mandam nas professoras, resolvem com os pais de alunos os problemas que comprometem a relação professor e aluno, aluno e aluno e impõem o que deve ser feito na escola.

É necessária a presença de um coordenador pedagógico que tenha consciência de seu papel, seja dando ênfase na sua formação continuada e na equipe de professores, como também fazer ações para manter o bom relacionamento entre pais, alunos, professores e direção. No entanto, creio que não se deva anular uma função em razão de outra.

De acordo com o Regimento Escolar, Artigo nº. 129/2006-Resolução CEE/TO, "a função de coordenação pedagógica é o suporte que gerencia, coordena e supervisiona todas as atividades relacionadas com o processo de ensino e aprendizagem, visando sempre à permanência do aluno com sucesso." E se é o sucesso do educando que se almeja se faz necessário narrar e ouvir atentamente a prática das coordenadoras pedagógicas.

As respostas dos questionários revelaram que os respondentes tiveram uma boa compreensão em relação às perguntas e que houve uma boa adequação das questões às realidades vividas por estes docentes. Enfim, não houve necessidade de se modificar o questionário.

Inicialmente busquei analisar o que diziam as professoras e coordenadoras através das perguntas do questionário e problematizá-las a partir de referenciais teóricos e através da percepção das mesmas sobre a relação teoria e práticas.

A primeira pergunta que fiz foi sobre o que e/ou como ensinar para que os alunos participem das aulas; de acordo com elas, se deve ensinar conteúdos que estejam de acordo com a realidade das crianças, inserir assuntos da atualidade e valorizar a participação dos educandos. Pude perceber que para elas os conteúdos a serem ensinados na escola devem considerar o desenvolvimento das capacidades adequando às características culturais, econômicas e sociais da realidade social do aluno.

Acredito que o professor necessite trabalhar de maneira construtivista; nesta perspectiva, se faz necessário que o aluno construa o seu conhecimento a partir da interação com a realidade, o professor torna-se mediador entre conhecimento e aluno. E como desenvolver esses conteúdos escolares sem que eles se tornem apenas uma sequência do livro didático ou que se objetive uma memorização mecânica?

É importante que o professor ao valorizar a realidade do aluno, traga para ele recursos e metodologias para que os conteúdos sejam desenvolvidos em sala de aula. Recursos como textos reflexivos, materiais audiovisuais, jogos e propiciar também o conhecimento fora dos muros da escola, sair para pesquisa de campo e demais estratégias para propiciar uma influência do aluno com o conhecimento e do aluno com a sua realidade é o educar para conhecer e valorizar.

A educação não pode estar apenas fundamentada nas leis e conteúdos distantes da realidade educacional de uma comunidade. De acordo com Freire (2006, p. 32) “decência e boniteza de mãos dadas”, a educação deve-se comprometer com a comunidade, com a relação entre os seres humanos, baseando-se no dialogismo inicial de uma problematização de uma situação comum ao grupo em busca de uma conscientização. Assim, como destacou Freire:

“[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é aprendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos.” (FREIRE, 2006, p.26)

A segunda e terceira pergunta referia-se a como construir com os alunos o interesse pelas disciplinas escolares e como fazer para que os educandos se sintam agentes e sujeitos históricos do seu conhecimento. Cheguei à conclusão que para as professoras se fazem necessárias aulas mais dinâmicas, utilizando materiais concretos, atividades lúdicas e que o diálogo se instaure no cotidiano do educando, para que a partir dessa conversa e da exposição de sua vivência, o conteúdo seja aplicado.

E tendo a Educação Infantil como foco de pesquisa, pude perceber que um dos recursos que deveria ser mais utilizado nessa etapa do desenvolvimento infantil não é trabalhada, a ludicidade vem perdendo espaço. Algumas professoras acreditam que estas atividades sirvam apenas para brincar, para passar o tempo e que nada se aprende nessas brincadeiras. As atividades lúdicas muitas das vezes só são oferecidas quando terminam o conteúdo e sobra um tempinho para os alunos brincarem ou quando é planejado um dia de recreação ou uma atividade brincante.

Esse pensamento torna-se errôneo quando não é utilizada a união do brincar com o aprender. Por que não se pode ensinar brincando? Apesar de pesquisas provarem a importância do brincar, a sociedade ainda mantém uma resistência ao fato referente à seriedade, ligada à forma descontraída e dinâmica que envolve a brincadeira. O lúdico satisfaz as necessidades de crescimento e competitividade da criança. As brincadeiras mudam os conteúdos maçantes em atividades atrativas, outra questão em que o lúdico pode ser utilizado é em relação à disciplina na sala de aula, uma vez que quando a criança sente interesse pelo que está sendo apresentado, logo ela se acalma e a disciplina ocorre automaticamente.

As práticas educativas associadas à brincadeira precisam esclarecer os seus objetivos para que o brincar seja aceito como sério. O brincar é valorizado quando utilizado na forma de jogo educativo tendo como um dos objetivos reforçar o processo ensino aprendizagem. E como sinaliza Kishimoto “quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa.” (KISHIMOTO, 1997, p.36),

Na quarta e quinta perguntas as professoras eram indagadas sobre a sua prática no cotidiano escolar, se elas refletiam e intervinham nas ações praticadas por elas no cotidiano escolar. Todas elas afirmaram que (re) pensam suas ações e que tentam intervir na sua própria prática após esta reflexão. No entanto essa reflexão não se resume apenas ao aspecto educacional e profissional; uma professora pontuou a importância de se utilizar o processo ação-reflexão-ação também na vida social e pessoal. Vejamos o que afirma ao ser perguntada “Há alguma intervenção na sua prática, após essa reflexão?”:

Professora A: “Sim, não só nas atividades realizadas e por realizar como todos os caminhos percorridos: profissionais, pessoais e sociais. A vida com certeza deve ser questionada para que possamos melhorar o que não deu certo e o que deu certo melhorar ainda mais.”

Percebe-se neste discurso algo que está subjacente ao cotidiano dos seres humanos e não somente em uma prática restrita ao contexto escolar, todas as ações são praticadas, repensadas e praticadas novamente. O ser humano não realiza tudo no habitual, mecanicamente e na vivência do dia-a-dia, como diz a música de Chico Buarque: “Todo dia ela faz tudo sempre igual”. A dialética entre prática e teoria não se esgotam no interior da escola, o reconhecimento do cotidiano não ocorre somente pela identificação das tarefas diárias, mas sim pela assimilação da historicidade do real que se articula com os momentos da prática social.

Como sexta e sétima perguntas indagamos às entrevistadas sobre a questão do professor pesquisador e de como a prática profissional pode modificar a concepção a respeito do ensino. As respostas obtidas foram que refletir sobre ação-reflexão-ação não é trabalhoso, desde que seja criado o hábito e com esse eixo de pesquisa, o trabalho do professor se enriquece e se autovaloriza. Afirmam a importância do pesquisar interagindo-se com a prática, para a formação do professor e é lembrada a questão do lúdico como um dos elementos fundamentais para ensinar. Também é pontuado que o professor deve estar sempre em busca de novas informações, fazendo com que o educando pesquise e reflita sobre os seus conhecimentos.

Em relação sobre qual sentido a prática profissional pode modificar a concepção a respeito do ensino, nos foi respondido que a alteração pode acontecer em todos os sentidos, já que a aprendizagem constituída na prática nos prepara melhor para resolvermos diferentes situações.

A questão da homogeneização também é citada pela professora A, para ela: “[...] o indivíduo apresenta suas diferenças e que não podemos generalizar e o nosso ensino é igual para todos os alunos e é com a prática que o educador vai poder lidar e avaliar o seu aluno.”

É na sala de aula que se apresenta uma grande diversidade: crenças religiosas divergentes, situações econômicas e sociais desiguais, idades variadas, etnias diferentes, etc. A atitude mais fácil e cômoda a ser tomada seria homogeneizar o ensino, omitir as diferenças e as histórias que cada estudante vai constituindo ao longo da sua vida. No entanto ao se fazer isso, a educação perde um grande gancho de se obter sucesso na formação dos alunos. É importante que a diversidade seja valorizada e aproveitada, uma vez que a troca de informações vem favorecer o processo de ensino-aprendizagem. Tem que se eliminar a prática

de querer homogeneizar o indivíduo, na tentativa de moldá-lo para que ele se enquadre nos padrões impostos pela sociedade ou até mesmo que ele se transforme em cópia de outras pessoas.

Como última pergunta, problematizei e indaguei sobre a questão do objeto de trabalho docente que são os seres humanos e como os saberes dos professores carregam as marcas do seu objeto de trabalho. Segundo três professoras, a afirmação é coerente, pois inevitavelmente o professor traz consigo marcas deixadas pelos seus alunos, marcas como experiências para entretecer a turma, para expor e dinamizar conteúdos, para auxiliar nas dificuldades escolares e para aguçar o desejo de estar sempre atualizado, estudando e pesquisando. Apesar de uma professora dizer que não concordou com a afirmativa, ao justificar ela concordou com a pergunta:

Professora A: “... os “alunos” são seres humanos e não objetos e nossos “mestres” também são seres humanos que transmitem sua bagagem intelectual para serem apreendidas e reflexionadas pelos seus alunos com a certeza de estar ajudando na formação intelectual e até geral do seu aluno.”

Observa-se que as transformações da ação dos professores vêm ocorrendo, as práticas reflexivas já vem delineando-se, elas estão sendo fortalecidas de acordo com as necessidades pessoais e com a era da pós-modernidade. A “ação-reflexão-ação” melhora o processo de ensino – aprendizagem tanto do professor quanto do aluno.

É necessário, que os educadores se reconheçam como grandes potenciadores e que permaneçam a aperfeiçoar sua formação, interrogando e pensando sobre como aprender e ensinar, pois tendo essa consciência eles serão profissionais reflexivos e críticos do seu papel social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolver deste trabalho incidiu em um esforço de entender sobre a Formação de Professores, fundamentada em uma questão essencial o fato dos educadores desempenharem uma atividade teórica-prática. De acordo com a análise e a reflexão diante as fontes empregada como referência bibliográfica cheguei às conclusões reveladas a seguir.

Ao analisar o trajeto percorrido na formação de professores, percebe-se que eles foram ignorados pelos estudos educacionais, somente na década de 80 é que começou a perceber a importância dos educadores. Apesar desta notoriedade, ainda é pouco a presença dos professores dentro destes estudos, é importante que para se construir um educação verdadeira iniciemos uma prática de valorização do docente atuante dentro da profissão.

Apesar da reformulação dos cursos de Pedagogia e Licenciatura verifiquei que pouco tem se modificado, ainda temos em nossos cursos disciplinas voltadas para uma formação técnica e tradicional do professor. Sendo assim, acabamos por formar profissionais sem um olhar social e político e que não estabelece uma relação de troca de conhecimento com seus alunos, o professor só transmite o conhecimento aos estudantes, não se importando se são verdadeiros ou não. Este profissional foi formado para adestrar os alunos e atender às necessidades sociais e econômicas da sociedade.

As pesquisas têm se voltado a observar da prática docente, colocando-a em foco a formação inicial e continuada dos professores e divulgam novos caminhos para a formação docente, um desses caminhos apontam a necessidade de discutir sobre a identidade profissional do professor.

O professor necessita ser valorizado, torna-se o centro da pesquisa, produzir trabalhos acadêmicos e construir a sua formação dentro da profissão. E para ser formar bons professores é necessário defender a profissionalidade docente no interior da personalidade do professor. Não podemos aceitar a ideia de que um bom professor já tenha nascido com este “dom” natural, bons profissionais também podem ser construído desde que eles estejam engajados no processo de descobertas ao lado dos seus alunos.

Para desenvolver o educador o curso de formação necessitaria ter como objetivo a ampliação da consciência sobre a realidade em que vão atuar, apresentar uma fundamentação teórica que possibilite uma ação lógica, a partir de uma satisfatória instrumentação técnica que possibilite essa ação. Problematizar a formação de professores implica considerar um complexo conjunto de relações.



As histórias de vida dos professores interferem na identidade pessoal e profissional, o modo como cada um ensina está relacionado ao jeito de cada um ser e ao modo de torna-se o que é.

É importante que se faça investimento na formação de professores, na qualidade das metodologias envolventes nas relações pedagógicas e nas comunicativas e unir às facilidades tecnológicas. Aceitar, analisar e considerar é o alicerce para que consigamos obter a mudança que tanto almejamos.

Deve-se insistir na formação do professor pesquisador, comprometido no desenvolvimento das observações que articulam teoria-prática, de refletir seu trabalho, de entender a realidade e agir sobre ela, de inserir os educandos nas mais diferentes formas de pensar e induzi-lo a produzir um saber específico.

Os cursos de formação de professores devem estar inseridos num contexto de inovação, de identificar problemas e descobrir soluções para aos problemas. E este trabalho pode iniciar-se pela estimulação da auto - estima do professor, pela união com os colegas de trabalho, pelo uso das novas tecnologias na sala de aula e na motivação dos alunos.

Para distinguir o educador de práticas pedagógicas repetitivas, de um profissional com praticas pedagógicas reflexivas, é necessário que o professor reflita sobre o seu próprio fazer cotidiano, que produza novas atitudes, transformando-se em um fabricante de saber, que elabore seus conhecimentos, que estude, que ensine melhor, que crie um diálogo entre a sua teoria.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil:** gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.
- ALVES, Rubens. **Conversas com quem gosta de ensinar.** 15. ed. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1986.
- BRASIL, LDB. Lei 9394/96- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)> Acesso em: 15 de maio de 2011.
- CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. O questionário na pesquisa científica. Administração On Line – Prática, Pesquisa e Ensino, São Paulo, v. 1, n. 1, jan./mar. 2000. Disponível em: <[http://www.fecap.br/adm\\_online/art11/anival.htm](http://www.fecap.br/adm_online/art11/anival.htm)>. Acesso em: 14 fev. 2011.
- ESTEBAN, Maria Teresa; ZACUR, Edwiges (Orgs.). **Professora-pesquisadora:** uma práxis em construção. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- Estrutura da Educação Básica. Disponível em <[www.educacao.rj.gov.br](http://www.educacao.rj.gov.br)> Aceso em: 12 de nov. de 2010.
- FORTUNA, Maria Lucia de Abrantes. **A prática de ensino e os estágios supervisionados no cotidiano da escola:** uma aposta na formação do professor-pesquisador. In: FONTOURA, Helena. Diálogos em formação de professores: pesquisas e práticas. Niterói: Intertexto, 2007.
- FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo.** 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- FREIRE, Madalena. **Observação, registro, reflexão:** instrumentos metodológicos I. 3. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 2011.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não:** Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.
- FREIRE, Paulo. **The Progressive Teacher.** In FIGUEIREDO, Maria; GASTALDO, Denise (Orgs.). Paulo Freire at the Institute. London: Institute of Education, University of London, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 1987.
- GARCIA, Regina Leite (Org.). **Alfabetização dos alunos das classes populares:** ainda um desafio. São Paulo: Cortez, 1992.
- GARCIA, Regina Leite (Org.). **Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GARCIA, Regina Leite (Org.). **Revisitando a pré-escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GENTILI, Pablo. **A exclusão e a escola**: o apartheid educacional como política de ocultação. In: GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico. Educar na esperança em tempos de desencanto. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

JESUS, Regina de Fátima. Mulher negra alfabetizando - Que palavra mundo ela ensina o outro a ler e escrever? 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e educação**. São Paulo: Cortez, 1999.

LAGE, Nildo. Resiliência...Construir Notícias, ano 10, n. 59, p. 5-11, jul./ago. 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1982

MOITA, Maria da Conceição. **Percursos de Formação e de Trans-formação** In: NÓVOA, Antonio (Org.). Vidas de Professores. Portugal: Porto, 1995.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos. **Histórias e narrativas na educação infantil**. IN GARCIA, Regina Leite. Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e profissão docente**. (Org.) Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, António. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. Lisboa-Portugal: Dom Quixote, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido. **Pedagogia, ciência da educação?** São Paulo: Cortez, 1996.

PORTO, Patrícia de Cássia Pereira. **Professora – pesquisadora no tecido escolar**. In ESTEBAN, Maria Teresa; ZACUR, Edwiges (Orgs.). Professora-pesquisadora: uma práxis em construção. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SAMPAIO, Carmen Sanchez; PEREZ, Carmen Lúcia Vidal. **A Pré-Escola em Angra dos Reis**: Tecendo um projeto de Educação Infantil. In: GARCIA, Regina Leite (org). A Formação da Professora Alfabetizadora: Reflexões sobre a Prática. 4ª ed., São Paulo: Cortez, 2003.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, v. 14, n. 40, p. 143-155, jan./abril. 2009.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários – elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas

conseqüências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, São Paulo, n. 13, p. 5–21, jan./abr. 2000.

## ANEXO

### QUESTIONÁRIO

- PROFESSORA A

**1 – O que ensinar para que os alunos participem das aulas?**

R.: O professor deve introduzir nas disciplinas assuntos da atualidade levando em consideração o interesse dos alunos.

**2 – Como construir com os alunos o interesse pelas disciplinas escolares?**

R.: Apresentando uma aula dinâmica com atividades diversificadas.

**3 – Como fazer para que os alunos se sintam agentes e sujeitos históricos do seu conhecimento?**

R.: Dar importância ao aluno, apresentando aulas com participação efetiva e dando papel importante na hierarquia das atividades.

**4- Você reflete sobre a sua prática?**

R.: Sim, não só nas atividades realizadas e por realizar como todos os caminhos percorridos: profissional, pessoais e sociais. A vida com certeza deve ser questionada para que possamos melhorar o que não deu certo e o que deu certo melhorar ainda mais.

**5 – Há alguma intervenção na sua prática, após essa reflexão?**

R.: Sim, como respondi acima (pergunta 4), devemos refletir sempre, não só quando erramos, mas em todos os momentos.

**6 – O professor – pesquisador reflete constantemente sobre a sua prática. Ele tem como proposta de pesquisa a “ação – reflexão – ação”. E você, concorda com essa perspectiva do professor pesquisador ou acha que essa é mais uma atividade de trabalho para o professor.**

R.: Concordo, não é trabalhoso desde que se crie o hábito, as reflexões se tornam muito fáceis de realizá-las e enriquecerá o trabalho do professor e conseqüentemente a autovalorização profissional.

**7 - De acordo com sua opinião, em que sentido a prática profissional pode modificar nossa concepção a respeito do ensino?**

R.: As situações vivenciadas pelo professor fazem com que ele apresente modificações ou alterações no seu plano de ensino sempre que necessário e muitas vezes nos deparamos com uma prática bem diferente da teoria. Sabemos que o indivíduo apresenta suas diferenças e que não podemos generalizar e o nosso ensino é igual para todos os alunos e é com a prática que o educador vai poder lidar e avaliar o seu aluno.

**8 – “O objeto do trabalho docente são seres humanos e, conseqüentemente, os saberes dos professores trazem consigo as marcas de seu objeto de trabalho.” Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.**

R.: Não concordo, pois os “alunos” são seres humanos e não objetos e nossos “mestres” também são seres humanos que transmitem sua bagagem intelectual para serem apreendidas e

reflexionadas pelos seus alunos com a certeza de estar ajudando na formação intelectual e até geral do seu aluno.

- PROFESSORA B

**1 – O que ensinar para que os alunos participem das aulas?**

R.: O importante que o ensino seja de acordo com a realidade do aluno, para que haja participação.

**2 – Como construir com os alunos o interesse pelas disciplinas escolares?**

R.: Primeiro é necessário que os alunos tenham consciência da importância das disciplinas e de como poderá ser útil para a sua vida. A partir daí o interesse irá surgindo através de um trabalho lúdico, buscando sempre novas maneiras de ensinar.

**3 – Como fazer para que os alunos se sintam agentes e sujeitos históricos do seu conhecimento?**

R.: Trabalhando sempre com a realidade e principalmente incentivando o seu processo de aprendizagem. Valorizar cada passo do aluno também é muito importante para o seu conhecimento.

**4- Você reflete sobre a sua prática?**

R.: Sim. Tenho sempre que melhorar cada vez mais.

**5 – Há alguma intervenção na sua prática, após essa reflexão?**

R.: Sim, o professor aprende diariamente, por isso existe em minha prática dia após dia, uma mudança na forma de ensinar, pois o conhecimento que adquiro em sala de aula e com os colegas de trabalho me faz evoluir cada vez mais.

**6 – O professor – pesquisador reflete constantemente sobre a sua prática. Ele tem como proposta de pesquisa a “ação – reflexão – ação”. E você, concorda com essa perspectiva do professor pesquisador ou acha que essa é mais uma atividade de trabalho para o professor.**

R.: Pesquisar é muito importante para o professor, mas não é tudo, a prática em sala de aula e o conhecimento com o lúdico também são elementos fundamentais para ensinar.

**7 - De acordo com sua opinião, em que sentido a prática profissional pode modificar nossa concepção a respeito do ensino?**

R.: Em todos os sentidos, pois a aprendizagem através da prática nos dá um preparo maior, por causa das diferentes situações que precisamos resolver, e que muitas vezes por causa da prática do professor, aquilo que parecia um problema rapidamente se transforma em aprendizagem.

**8 – “O objeto do trabalho docente são seres humanos e, conseqüentemente, os saberes dos professores trazem consigo as marcas de seu objeto de trabalho.” Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.**

R.: Sim concordo. É inevitável, pois o professor também é humano e dentro dele sempre fica algo dos seus alunos, mas é importante que o professor guarde o que o aluno lhe oferece de bom, para que ele não carregue mágoas ou ressentimentos prejudicando assim, o seu trabalho.

- PROFESSORA C

**1 – O que ensinar para que os alunos participem das aulas?**

R.: Ensinar os conteúdos de forma que possa associá-los à realidade das crianças, do seu cotidiano.

**2 – Como construir com os alunos o interesse pelas disciplinas escolares?**

R.: Dialogando com os alunos e fazendo com que eles exponham sua vivência em sala de aula e a partir daí aplicar os conteúdos de forma com que eles se sintam participativos.

**3 – Como fazer para que os alunos se sintam agentes e sujeitos históricos do seu conhecimento?**

R.: Fazendo com que os alunos expressem seus conhecimentos, participando, respondendo perguntas, interagindo uns com os outros.

**4- Você reflete sobre a sua prática?**

R.: Sim, cada vez mais.

**5 – Há alguma intervenção na sua prática, após essa reflexão?**

R.: Geralmente sim, quando vejo que algo pode ser melhorado.

**6 – “O professor – pesquisador reflete constantemente sobre a sua prática. Ele tem como proposta de pesquisa a “ação – reflexão – ação”. E você, concorda com essa perspectiva do professor pesquisador ou acha que essa é mais uma atividade de trabalho para o professor.**

R.: Concordo plenamente.

**7 - De acordo com sua opinião, em que sentido a prática profissional pode modificar nossa concepção a respeito do ensino?**

R.: No sentido de que temos que sempre procurar fazer o melhor, dentro das necessidades em que se encontram os alunos.

**8 – “O objeto do trabalho docente são seres humanos e, conseqüentemente, os saberes dos professores trazem consigo as marcas de seu objeto de trabalho.” Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.**

R.: Sim. O professor tem que estar preparado para o exercício de sua profissão. Deve sempre procurar atualizar-se, estudando, pesquisando, pois há um avanço muito grande na área tecnológica e em outras áreas também. Sempre tem algo novo que precisa ser revisado e estudado para o corpo docente não fique estagnado e perdido sem os conhecimentos necessários. O professor bem estruturado na área do conhecimento e tendo prática e experiência, certamente saberá como interagir em sala de aula, aplicando seus conhecimentos de forma construtiva.

- PROFESSORA D

**1 – O que ensinar para que os alunos participem das aulas?**

R.: Procurar motivar os alunos para chamar a atenção deles.

**2 – Como construir com os alunos o interesse pelas disciplinas escolares?**

R.: Usando objetos concretos.

**3 – Como fazer para que os alunos se sintam agentes e sujeitos históricos do seu conhecimento?**

R.: Prendendo a atenção deles para a participação direta do assunto.

**4- Você reflete sobre a sua prática?**

R.: Muito, pois todos os dias o professor deve se questionar.

**5 – Há alguma intervenção na sua prática, após essa reflexão?**

R.: Sim, procuro sanar as dificuldades da turma.

**6 – O professor – pesquisador reflete constantemente sobre a sua prática. Ele tem como proposta de pesquisa a “ação – reflexão – ação”. E você, concorda com essa perspectiva do professor pesquisador ou acha que essa é mais uma atividade de trabalho para o professor.**

R.: Eu concordo, pois o professor deve sempre está buscando novas informações e levando o aluno a pesquisar e refletir sobre os seus conhecimentos.

**7 - De acordo com sua opinião, em que sentido a prática profissional pode modificar nossa concepção a respeito do ensino?**

R.: Sim, pois as informações passadas para os alunos são fundamentais para suas vidas. Por isso o professor precisa pensar muito, sobre as suas atitudes e palavras antes de passar para os alunos.

**8 – “O objeto do trabalho docente são seres humanos e, conseqüentemente, os saberes dos professores trazem consigo as marcas de seu objeto de trabalho.” Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.**

R.: Sim, a experiência ajuda muito no controle da turma, e na maneira de passar os conteúdos para turma, procurando conhecer as dificuldades individuais de cada um.